



Epicteto

O manual para a vida

As coisas se dividem assim:
as que dependem de nós e
as que não dependem.

O que não depende de nós
é fraco, escravo, estranho:
a posse, a opinião alheia,
tudo que não é nossa obra.

O que depende de nós
é livre, sem impedimentos:
o pensamento, o desejo,
a vontade...





Epicteto
O manual para a vida
eReader edition

Enchiridion de Epicteto
conforme anotado por seu discípulo,
Flávio Arriano

tradução e organização
Rafael Arrais



Sumário

[Prefácio](#)

[Enchiridion de Epicteto](#)

[Apêndice](#)

Todo conteúdo original (em grego) é de autoria de Epicteto e se encontra em domínio público. A tradução do inglês é de Rafael Arrais (2013), usando como base diversas traduções do grego para o inglês, principalmente a de P. E. Matheson (1916).

Pequenas adaptações foram feitas na gramática, observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Organização e comentários: Rafael Arrais.

Esta é uma edição de Textos para Reflexão

Para conhecer outras obras, visite o blog: textosparareflexao.blogspot.com

Design e diagramação: Ayon

Arquivo original ePub validado em validator.idpf.org

Copyright © 2013 por Rafael Arrais (eBook para eReaders v1.1)

Todos os direitos reservados

Prefácio

O SENHOR DO DESTINO

*Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado
(Gandalf em O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien)*

Um dos maiores sábios da Antiguidade nasceu escravo, mas isso não o impediu de ter sido uma das almas mais livres do mundo. Epicteto nasceu em Hierápolis – na atual Turquia – em cerca de 55 d.C., e provavelmente foi levado ainda jovem para Roma, onde teve como mestre Epafrodito, que por sua vez servia ao então imperador Nero. Tendo reconhecido a sabedoria e o potencial de seu escravo, Epafrodito o declarou homem livre para seguir os ensinamentos de Musônio Rufo, filósofo estoico que o tomou como discípulo.

Epicteto foi manco desde a juventude, provavelmente devido ao reumatismo, mas foi com a razão e as ideias que caminhou muito além de seu professor no estoicismo, uma escola de filosofia helenística fundada em Atenas por Zenão de Cítio, no início do século III a.C. Os estoicos ensinavam que as emoções destrutivas resultavam de erros de julgamento, e que um sábio não deveria “se deixar abalar” por tais emoções.

Os estoicos se debruçavam na relação dinâmica entre o determinismo cósmico e a liberdade humana, defendendo a crença de que é virtuoso manter uma vontade que esteja de acordo com a natureza. Por causa disso, os estoicos apresentaram a sua filosofia como um modo de vida, e pensavam que a melhor indicação da filosofia de uma pessoa não era o que teria dito, mas sim como teria se comportado em vida.

Epicteto foi, junto com Sêneca, um dos estoicos tardios que defendiam que a virtude é suficiente para a felicidade. O sábio que nasceu escravo, entretanto, teve uma existência muito mais dura do que Sêneca, um intelectual nascido entre uma família nobre romana [1] Sua fama, no entanto, se deveu sobretudo ao seu exemplo de vida. Como Sócrates e outros sábios antigos, jamais deixou nada escrito. Foi graças a Flávio Arriano, um de seus discípulos, que nos chegou a modernidade as anotações

de seus cursos: os *Discursos (Diatribes)* e o *Manual (Enchiridion)* de Epicteto, sendo o último apenas um resumo do primeiro.

Ao longo do tempo, a despeito de terem influenciado inúmeros grandes filósofos e religiosos posteriores, os estoicos também foram alvo de muitas críticas, usualmente por quem mal conheceu sua obra, ou a interpretou de forma apressada; ou ainda, como no caso de Nietzsche, que a transportou para um contexto inadequado, dentro do cristianismo...

Quando Epicteto falava em Zeus, o deus dos deuses, ou nos deuses como “um todo, um conjunto divino”, não se referia a Divindade da mesma forma que muitos religiosos de sua época, nem da mesma forma que a grande maioria dos cristãos que lhe foram posteriores. Sim, de fato Epicteto compreendia na Divindade uma substância, uma força única, mas daí a imaginar que ele via a Divindade como os cristãos veem a Deus é um passo muito grande, que talvez não se sustente:

“Este mundo é uma única cidade, a substância da qual ele é feito é uma e, necessariamente, existe uma revolução periódica, os seres cedem lugar uns aos outros, uns se dissolvem enquanto outros aparecem, uns estão fixos e outros em movimento. Tudo está repleto de amigos, antes de tudo os deuses, em seguida os homens que a natureza uniu intimamente uns aos outros. Uns são dados a viver juntos, outros a se separar; é preciso regozijar-se por estar juntos, e não se afligir por dever se separar. O homem, além de sua grandeza natural e de sua faculdade de desprezar o que não depende da sua escolha, possui ainda esta propriedade de não criar raízes e de não estar amarrado à terra, mas de ir de um lugar a outro, seja pressionado pelas necessidades, seja simplesmente para poder contemplar.” (*Diatribes*, III, 24)

O sábio estoico defendia o uso da razão acima das emoções destrutivas, que poderiam levar ao desespero e a angústia permanentes, mas não se deve imaginar que ele era contrário às emoções em geral, tanto pelo contrário! Para Epicteto, a existência era uma grande festa, uma grande oportunidade de se contemplar a grandiosidade da natureza, e de se caminhar, passo a passo, para cada vez mais próximo da Divindade. A razão na Antiguidade grega era muito mais o *logos*, uma razão conectada ao Cosmos, aos desígnios da natureza, a intuição e a experiência mística e religiosa, do que

propriamente a razão fria e demasiadamente científica, conforme a maioria de nós a tem interpretado nos tempos modernos. O que os estoicos procuravam suprimir através de sua “medicina mental” eram as emoções destrutivas, e jamais as prazerosas.

De fato, a felicidade e o contentamento com a existência, a paz de espírito, eram os grandes objetivos a serem alcançados pelos estoicos – e isso não tinha nada a ver com “ir para o céu”. Para tais sábios, o céu se construiria no espírito de cada ser, quando devidamente conectado ao Cosmos. Mas, se por um lado alcançar tal conexão com a Divindade era o grande objetivo da vida, também era necessário compreender que a festa não deveria durar para sempre:

“A vida é como uma navegação. Quando o barco está atracado, e vais em busca de água, no teu caminho poderás também encontrar uma concha ou uma cebola, mas é preciso guardar o espírito direcionado para o barco e mirá-lo constantemente para ver se acaso o piloto não te chama, e se te chama, deixar tudo isso, para não ser arrastado a bordo como um animal. Assim, na vida, se no lugar da concha ou da cebola está uma mulher e um filho que te foram dados, nada te impeça. Mas, ao apelo do piloto, corre para o barco, deixando tudo para trás, sem retornar. E se és velho não te distancies muito do barco para não correres o risco de faltar à chamada.” (*Enchiridion*, VII)

Longe de ser uma atitude covarde e passiva, como muitos têm interpretado apressadamente, a calma estoica perante os infortúnios da vida, e até mesmo perante o fim da vida, é antes de tudo uma grande lição de coragem. Epicteto não ignorava os infortúnios, a escravidão, e nem mesmo a morte, e viveu sempre com o espírito atento para a possibilidade do barco vir lhe buscar a qualquer momento (como de fato pode o ser para cada um de nós); mas foi exatamente por saber pesar os infortúnios e os benefícios, os prós e os contras da existência, e por ter percebido que os benefícios (mesmo há 2 mil anos atrás) ainda excediam em muito os infortúnios, que viveu sua vida em paz e tão feliz quanto era possível.

A maior lição dos estoicos sempre será esta que está muito bem descrita no início do seu *Manual*:

“As coisas se dividem em duas: as que dependem de nós e as que não dependem de nós. Dependem de nós o que se pensa de alguma coisa, a inclinação, o desejo, a aversão e, em uma palavra, tudo o que é obra nossa. Não dependem de nós o corpo, a posse, a opinião dos outros, as funções públicas, e, numa palavra, tudo o que não é obra nossa. O que depende de nós é, por natureza, livre, sem impedimento, sem contrariedade, enquanto o que não depende de nós é fraco, escravo, sujeito a impedimento, estranho.” (*Enchiridion*, I)

Não deve ter sido a toa que Arriano iniciou suas anotações exatamente por esta – parece-me que esta foi à primeira lição que Epicteto aprendeu com seu professor, Musônio, e provavelmente a primeira que também passava adiante, ele mesmo, para seus discípulos. Mas o sábio que nasceu escravo não era apenas um teórico: sua própria vida foi sua maior obra, seu grande exemplo para posteridade. O desconhecido que nasceu escravo e, não obstante, através do *logos*, tornou-se senhor de si mesmo, e por consequência, senhor do próprio destino – um genuíno livre-pensador.

Rafael Arrais, 2012

[1] Mas Sêneca, por sua vez, teve um final bem mais dramático, condenado injustamente ao suicídio (sem julgamento), pela acusação de ter tramado para o assassinato do imperador Nero. Na morte, porém, provou que uma vida de filosofia não foi em vão, foi-se “de modo muito sereno”. [[voltar](#)]

ESTE É UM LIVRO DE AUTOAJUDA?

Sabemos do costumeiro preconceito e descrédito do meio literário para com os livros de autoajuda. Porém isto também se deve, em grande parte, aos próprios escritores de autoajuda, que em sua maioria optam em seguir por “caminhos fáceis”, evitando tocar no cerne da questão – o autoconhecimento.

Se analisarmos os livros de autoajuda produzidos hoje no mundo, encontraremos basicamente duas categorias. Uma delas nos diz assim: “Tudo é possível! Basta desejar profundamente que irá conseguir!”; Já a outra se ocupa de nos consolar quando não temos sucesso em “conseguir tudo”, e nos sentimos um lixo.

Há, portanto, uma clara correlação entre uma sociedade que nos anuncia por todos os cantos da cidade que podemos conseguir tudo o que quisermos, e a existência da chamada baixa autoestima.

Antigamente uma pessoa pobre era chamada *desafortunada*. Hoje, criamos uma alcunha um tanto mais cruel: *perdedora*. Hoje os anúncios nos dizem que somos nós quem estamos no comando, e não os deuses. Se não temos sucesso, a culpa é nossa – perdemos.

Mas é aqui que entra a filosofia. A filosofia é a verdadeira autoajuda, o verdadeiro autoconhecimento, o verdadeiro amor ao saber.

Segundo Epicteto e os estoicos, devemos ter sempre em mente os infortúnios da vida, e o conhecimento de que há coisas que estão sob nosso controle, e outras que não estão. Somente assim saberemos que podemos sim perder, mas que não somos perdedores. E, da mesma forma, também saberemos que podemos sim ganhar, mas que não somos ganhadores.

Somente com este desapego aos anúncios da cidade grande é que teremos enfim o tempo e a disposição de olhar para dentro, e nos conhecer. Se isto é autoajuda? Certamente – autoajuda da melhor espécie!

Com vocês, o manual para a vida, o Enchiridion de Epicteto...

Enchiridion de Epicteto

1. Do que está (ou não) sob o nosso poder

Todas as coisas existentes se dividem da seguinte forma: as que estão sob o nosso poder, e as que não estão.

Em nosso poder estão o pensamento, o impulso, a vontade de adquirir e a vontade de evitar e, resumidamente, tudo que resulta das nossas ações.

As coisas que não estão sob nosso poder incluem o corpo, a propriedade, a reputação, o cargo e, resumidamente, tudo aquilo que não resulta das nossas ações.

As coisas sob nosso poder são, por natureza, livres, não encontram obstáculos à sua frente, não são por nada limitadas; já as coisas que não estão sob nosso poder são fracas, servis, sujeitas a limitações, dependentes de outros fatores.

Lembre-se: se você imagina que aquilo que é naturalmente escravo está livre, enquanto que aquilo que naturalmente pertence a uma outra pessoa é propriedade sua, então você sairá prejudicado – você irá lamentar e se tornar confuso, você irá culpar deuses e homens.

Mas se você pensa que somente aquilo que lhe é próprio é que lhe pertence, e aquilo que é próprio de outrem realmente pertence aquele outrem, ninguém jamais irá colocar imposições ou limitações sobre você, você não irá culpar a ninguém, não fará nada contra a sua própria vontade, não terá nenhum inimigo, pois nenhum mal poderá alcançá-lo.

Objetivando, portanto, chegar a esses altos intuitos, você deve se recordar que adquiri-los exige mais do que um esforço ordinário; você terá de abandonar definitivamente certas coisas e outras apenas momentaneamente. E se você gostaria de também vir a possuir estes elementos – status, riqueza, etc – pode ser que você não venha a alcançar os altos intentos, apenas pelo fato de que o seu desejo está fixado nos primeiros e certamente

falhará em alcançar aquelas coisas que trazem consigo a liberdade e a felicidade.

Faça seu o costume, portanto, de confrontar toda a impressão grosseira com as palavras: “Nada mais és que uma impressão e não representas aquilo que pareces ser”.

Então teste-a com aquelas regras que você já possui; e somente com isso – o mais importante de todos os testes: “Ela se preocupa com aquilo que está em nosso poder ou com aquilo que não está em nosso poder?”.

Se ela estiver preocupada com aquilo que não está sob nosso poder, esteja pronto para considerar que ela nada representa para você.

2. Da vontade de adquirir e evitar as coisas

Lembre que a vontade de obter promete a aquisição daquilo que você deseja e que a vontade de evitar promete a fuga daquilo que você deseja evitar. Dessa forma, aquele que falha em obter aquilo que deseja é desafortunado, enquanto que aquele que não consegue escapar daquilo que deseja evitar fica miserável.

Portanto, se você tenta apenas evitar aquilo que é não-natural, ou seja, que se encontra na região que se situa sob o seu controle, você então irá escapar de tudo aquilo que você deseja evitar; mas se você deseja evitar a doença ou a morte, você ficará miserável.

Que a sua vontade em evitar não venha a se preocupar com aquilo que não se encontra sob o poder do homem; direcione-a apenas para as coisas situadas dentro do poder do homem e que são contrárias à natureza.

Mas para o momento, você deve remover completamente a vontade de adquirir; conquanto todas as coisas sob o poder do homem, as quais seria belo desejar, nenhuma delas está ainda ao teu alcance [[1](#)].

O impulso para agir e não agir, esses são os pontos onde deve se concentrar a sua preocupação; ainda assim, exercite-os gentilmente, sem forçar, e provisoriamente.

3. Do exercício do desapego

Quando qualquer coisa, desde a coisa mais ínfima até a mais grandiosa, é atraente ou útil, ou um objeto de afeição, lembre-se sempre de indagar a si mesmo: “Qual é a sua natureza?”.

Se um jarro lhe agrada, diga que você é que está contente com aquele jarro; então você não ficará perturbado se ele vier a se quebrar. Se você beija o seu filho ou a sua esposa, diga para você mesmo que você está beijando um ser humano, porque então, se a morte vier a ocorrer a algum deles ou a ambos, você não ficará perturbado.

4. Da harmonia com a natureza

Quando você está a ponto de realizar uma ação, recorde-se que tipo de qualidade ela é. Se você vai aos banhos [2], coloque ante a sua mente o que acontece no banho – a água se despejando sobre alguns, outros sendo atirados nela, outros resmungando, outros roubando; e você então estará atuando de forma mais segura se disser prontamente para si mesmo: “Eu desejo me banhar e quero manter a minha vontade em harmonia com a natureza”.

E assim, faça o mesmo com todas as coisas que você vier a realizar. Desta forma, se algo vier a prejudicá-lo no decorrer do seu banho, você estará pronto para dizer: “Eu não queria apenas me banhar, mas manter a minha vontade em harmonia com a natureza; e não serei capaz de fazer isso se perder o meu controle emocional com isto que está acontecendo”.

5. Da educação das emoções

O que perturba a mente dos homens não são os eventos, mas os seus julgamentos sobre os eventos.

Por exemplo, a morte não é nada horrível – ou então Sócrates a teria considerado como tal. Não, a única coisa horrível sobre ela está no julgamento dos homens de que ela é horrível.

E assim, quando estamos impotentes ou perturbados ou ansiosos, que nunca venhamos a colocar a culpa sobre os outros; mas sim sobre nós próprios, ou seja, sobre os nossos próprios julgamentos.

Acusar os outros das nossas desventuras é um sinal de falha de educação; se acusar a si próprio mostra que a educação daquele indivíduo teve início; acusar nem a si próprio nem aos demais mostra que a educação do indivíduo está completa.

6. Do orgulho

Não se extasie frente a uma excelência que não seja a sua própria. Se o cavalo, no seu orgulho, viesse a dizer – “Eu sou belo” – poderíamos aceitar isso. Mas quando você diz com orgulho – “Eu tenho um belo cavalo” – saiba que aquele bom cavalo é a base do seu orgulho.

Você então pergunta o que é que você pode chamar como seu. A resposta é – a maneira com a qual você lida com as impressões.

Portanto, quando você lida com as suas impressões de acordo com a natureza, então você poderá realmente ficar orgulhoso, porque o seu orgulho estará num bem que lhe pertence.

7. O chamado do Timoneiro

A vida é como uma navegação. Quando o barco está atracado, e você desembarca em busca de água, no seu caminho poderá também encontrar uma concha ou uma cebola, mas é preciso guardar o espírito direcionado para o barco e mirá-lo constantemente para ver se acaso o Timoneiro não te chama, e se te chama, deixar tudo isso, para não ser arrastado a bordo como um animal.

Assim, na vida, se no lugar da concha ou da cebola está uma mulher e um filho que te foram dados, nada te impeça – eles estão, como você, seguindo os seus próprios caminhos.

Dessa forma, quando ouvir ao chamado do Timoneiro, corre para o barco, deixando tudo para trás, sem retornar. E se já está velho, não se afaste muito do barco para não correr o risco de faltar à chamada.

8. Da paz

Não questione se os eventos deveriam acontecer tal como você desejaria, mas deixe que sua vontade seja a de que os eventos devam acontecer tal como eles ocorrem, e você terá paz.

9. Dos obstáculos

A doença é um obstáculo ao corpo, mas não à vontade, a menos que a vontade consinta.

Ser manco é um obstáculo à perna, mas não à vontade.

Diga isso para si mesmo em cada evento que aconteça, e você descobrirá que embora ele possa criar algum obstáculo para alguma parte do seu ser, ele ainda assim não pode bloquear sua vontade.

10. Como não ser arrastado pelas impressões

Quando alguma coisa acontece a você, recorde sempre de voltar-se para dentro de si próprio e perguntar com qual faculdade você tem de lidar. Se você vê um belo rapaz ou uma bela garota, você irá descobrir que o autodomínio é a faculdade a ser exercida ali; se problemas lhe são colocados às costas, você irá encontrar a resignação e a perseverança; se observar a grosseria e a obscenidade, você irá encontrar a paciência.

E se você vier a se treinar nesse hábito, as suas impressões não irão arrastá-lo junto com elas.

11. Das ofertas e devoluções

Nunca diga de algo: “Eu o perdi”; mas diga: “Eu devolvi”.

O seu filho morreu? Foi devolvido. A sua esposa morreu? Ela foi devolvida.

As suas propriedades lhe foram tomadas? Isto também não foi uma devolução? Mas você diz: “Aquele que me tomou aquilo é malvado”.

O que lhe importa através de quem o ofertante obteve a devolução? Enquanto Ele lhe dá algo, cuide daquilo, mas não como algo seu, trate-o como viajantes tratam uma hospedaria.

12. O preço da liberdade

Se você deseja progredir, abandone raciocínios como estes: “Se eu descuidar dos meus negócios, não terei nada com o que viver”; “Se eu não punir o meu filho, ele será malvado”.

Porque é melhor morrer de fome, de tal maneira que você esteja livre da dor e livre do medo, do que viver na abundância e estar com a mente perturbada.

É melhor que o seu filho cresça malvado do que você ficar miserável e cheio de preocupação. Portanto, inicie com coisas pequenas.

Uma gota do seu óleo derramou? A sua sopa foi roubada? Diga para si mesmo: “Este é o preço pago pela liberdade da paixão, este é o preço de uma mente tranquila”.

Nada pode ser obtido sem um preço a pagar.

Quando você chama o seu jovem servo, reflita que ele poderá não ser capaz de ouvi-lo, e se ele vier a ouvi-lo, ele poderá não ser capaz de realizar nada que você queira.

Mas a sua posição não é boa o suficiente para que dele dependa a paz de sua mente.

13. Da negligência dos assuntos externos

Se você deseja progredir, você deve se contentar em parecer um tolo ou simplório no que concerne aos assuntos externos; não deseje que os homens venham a pensar que você sabe algo e se vier a pensar que é alguém especial, desconfie de si próprio.

Pois saiba que não é fácil manter a sua mente em harmonia com a natureza e ao mesmo tempo manter o controle das coisas externas; se você dá atenção a uma, você necessariamente tem de negligenciar a outra.

14. O senhor de si

É uma tolice querer que os seus filhos, a sua esposa e seus amigos vivam para sempre, porque isso significa que você deseja que aquilo que não está sob seu controle venha a ficar, e que aquilo que não é seu passe a sê-lo.

Do mesmo modo, se você quer que um serviçal seu não cometa erros, você é um tolo, porque no fundo você deseja que o vício não seja um vício, mas algo diferente.

Mas se você não quer ser desapontado na sua vontade em obter, você pode vir a alcançar isso.

Exercite-se então naquilo que está sob seu poder.

O senhor de si é o homem que possui autoridade sobre aquilo que ele deseja e não deseja, de se assegurar de um e de afastar o outro.

Que aquele que deseja estar livre não venha a desejar algo ou evitar algo que dependa de outros; ou então ele está fadado a ser um escravo.

15. O banquete da vida

Lembre-se que você deve se comportar na vida como se estivesse num banquete.

Um prato lhe é passado pelo círculo dos convidados até chegar a você – estenda a sua mão e polidamente o segure.

No entanto, se ele passa por você, não pare o seu movimento. Ele ainda não chegou até você, não seja impaciente em obtê-lo, mas espere até que chegue a sua vez.

Contenha-se assim com relação às crianças, esposa, cargo, riquezas, até que um dia você venha a ser digno do banquete com os deuses.

Mas se quando eles estiverem postados à sua frente, você não se apegar a eles, então você não somente irá compartilhar do banquete dos deuses, mas também do seu poder.

Foi assim, exercitando o desapego, que Diógenes e Heráclito [3] e homens como eles foram chamados de divinos e mereceram esse título.

16. Das lamentações

Quando você vê um homem derramando lágrimas de tristeza por uma criança que está longe dele ou morta, ou por perda de propriedade, cuidado para que você não seja levado pela impressão de que são os males externos que o tornam miserável.

Mantenha este pensamento com você: “O que o incomoda não é o acontecimento, porque isso não incomoda uma outra pessoa, mas sim o seu julgamento sobre o ocorrido”.

Portanto, não hesite em simpatizar-se com ele enquanto as palavras forem válidas, e caso tenha a chance, se assim for, lamente-se junto com ele; mas cuide-se para que você não venha também a lamentar no seu interior.

17. Uma peça teatral

Lembre-se de que você é um ator numa peça teatral, e que o Autor escolheu a maneira que ela será encenada: se ele a desejar curta, ela será curta, se a desejar longa, ela será longa.

Se ele quer que você encene um homem pobre, você deve encenar o seu papel com todo o seu talento; da mesma maneira com um papel de aleijado ou de magistrado ou de um homem comum.

O que lhe compete na vida é encenar o papel que lhe foi dado, e bem; a escolha do elenco pertence ao Outro [\[4\]](#).

18. Dos maus presságios

Quando um corvo grasna com maus presságios, não permita que essa impressão o domine, mas prontamente a distinga na sua mente e diga: “Esses presságios nada significam para mim; mas somente para a minha porção de corpo ou a minha porção de propriedade ou nome, ou minhas crianças ou esposa. Mas para mim todos os presságios são favoráveis se eu quiser, porque, não importa qual seja o assunto, está em meu poder obter benefício dele”.

19. O único caminho para a liberdade

Você pode ser invencível, se você nunca entrar numa batalha onde a vitória não está sob o seu poder.

Cuidado para que, quando você vê um homem elevado à fama ou à alta reputação, você não seja dominado por elas.

Porque se a realidade do bem está naquilo que está sob o seu controle, então não há espaço para a inveja ou desconfiança.

E você não irá desejar ser um general, ou prefeito ou cônsul, mas sim ser livre; e existe apenas um único caminho para a liberdade – desprezar aquilo que não está sob o seu poder.

20. Da reflexão anterior a reação

Lembre-se de que as más palavras ou os golpes em si próprios não representam um ultraje, mas o seu julgamento de que eles assim o são.

Assim, quando alguém o torna irritado, saiba que é o seu próprio pensamento que o tornou irritado.

Portanto, faça a sua primeira e principal tarefa não permitir com que as impressões lhe dominem.

Porque quando você ganha este certo tempo, quando reflete antes de reagir, você irá notar que se torna mais fácil controlar as próprias emoções.

21. Da consciência da morte

Mantenha frente aos seus olhos, dia a dia, a morte e o exílio e todas as coisas que nos parecem terríveis; mas sobretudo a morte, que é a maior delas.

Dessa forma, você nunca irá descer seus pensamentos até aquilo que é abjeto e nunca irá desejar nada em excesso, além das suas medidas apropriadas [5].

22. Um conselho aos aspirantes da filosofia

Se você aspira à filosofia, você deve imediatamente se preparar para as risadas daqueles que irão dizer: “Aqui está ele novamente, se fazendo passar por filósofo. Onde é que ele adquiriu essa aparência orgulhosa?”.

Não, não assuma nenhuma aparência orgulhosa, mas se prenda àquilo que lhe parece melhor, confiando que Deus o colocou nesse lugar.

E lembre-se de que se você mora onde você está, aqueles que primeiro riram de você num outro dia ainda virão a admirá-lo, e que se você ceder caminho para eles, você será duplamente ridicularizado.

23. Para ser um filósofo

Se vier a lhe acontecer de ser levado para as coisas externas, de tal maneira que você deseje agradar uma outra pessoa, saiba que você perdeu o rumo da sua vida.

Contente-se então em ser apenas um filósofo em todas as circunstâncias. Mas se você deseja ser considerado como um, então mostre para si mesmo que você é um filósofo – e isto será o suficiente.

24. A honra que não está a venda

Não permita que reflexões como essas o aflijam: “Eu irei viver sem honra, e nunca terei alguma importância”; porque se a falta de honra é um mal, ninguém a não ser você mesmo pode envolvê-lo no mal ou na vergonha.

Está inteiramente em seu controle obter um cargo ou ser convidado a participar de algum banquete?

Certamente não.

Onde então se encontra a desonra que você está se referindo? Como pode você ser “algo” em qualquer outro lugar, quando você deve ser realmente

importante apenas naqueles assuntos que estão sob o seu poder, onde você pode vir a alcançar o maior valor possível?

“Mas meus amigos não irão me ajudar” – você diz.

O que você quer dizer por “não ajudar”? Eles não terão dinheiro para lhe dar e você não os irá transformar em cidadãos de Roma.

Quem quer que olhe e diga que fazer este tipo de coisa está dentro do seu poder, não dependendo de outras pessoas, estará enganado. Quem pode dar a alguém alguma coisa que não é sua?

“Obtenha-as, então, para que eu as possa possuir também” – diz você.

Se eu as posso obter e manter o meu auto respeito, honra, magnanimidade, mostre o caminho e eu as obterei.

Mas se você me chama para que eu, ao final, perca aquelas coisas que realmente são minhas, para que você possa ganhar coisas que não são bens que se possa obter, olhe o quão injusto e insensato você é.

E o que você prefere? O dinheiro ou um amigo fiel e modesto? Portanto, ajude-me ao invés de manter aquelas qualidades, e não espere de mim as ações que irão fazer com que eu as perca.

“Mas o meu país irá precisar de ajuda, na medida em que estou em condições de ajudar” – você diz.

Então, mais uma vez lhe pergunto: “A que tipo de ajuda você se refere?”.

O seu país não irá ficar lhe devendo banquetes ou banhos públicos. O que é tudo isto? A ajuda não fica devendo os sapatos aos ferreiros ou as armas aos sapateiros; é suficiente que cada homem venha a desempenhar a sua própria função.

Não seria bom para o país que você confiasse esta ajuda ao cargo de outro cidadão, comprovadamente fiel e modesto?

“Sim”.

Bem, então você não seria inútil frente a ela.

“Que lugar então assumirei na cidade?”.

Que seja um lugar onde você possa manter o seu caráter pela honra e pelo auto respeito.

Mas se você corre o risco de perder essas qualidades ao tentar beneficiar a sua cidade, que benefício, pergunto eu, teria você realizado a ela, quando você obtém tal benefício as custas de haver perdido a própria honra e de estar perdido em meio a sua vergonha?

25. Das bajulações

Alguém o precedeu numa cerimônia ou na recepção de uma festa, ou mesmo foi chamado a dar conselhos antes de você?

Se essas coisas são boas, você deveria ficar contente que aquele que usufruiu delas as obteve; se elas são más, não fique irado com o fato de que você não as obteve para si.

Lembre-se que se você deseja obter aquilo que não está sob o seu poder, você não pode obter a mesma recompensa que os outros a menos que você atue como eles.

Como é possível para aquele que não corteja aos grandes do mundo ter o mesmo ouro daqueles que o fazem? Ou que não participa dessas bajulações?

Você seria injusto então, e insaciável, se desejasse obter tais privilégios por nada, sem pagar pelo seu preço. Qual é o preço da alface? Uma moeda, talvez... Então, se um homem paga a sua moeda e obtém as suas alfaces, e você não paga e não obtém as suas, não pense que você foi enganado.

Porque enquanto ele tem as suas alfaces, você manteve a sua moeda, que ainda não foi trocada.

O mesmo princípio se encontra também na boa conduta. Você não foi convidado para a festa de alguém? Porque você não pagou ao anfitrião o preço pelo qual ele vende o seu jantar.

Ele o vende por cumprimentos, ele o vende em troca das bajulações. Pague-lhe o preço, portanto, se isto lhe vier a trazer algum ganho. Mas se

você deseja obter um e não abandonar o outro, nada lhe poderá satisfazer em sua tolice.

“O quê! Você preferiria o nada ao invés do jantar?” – diz você.

Não, pois veja bem: você não elogiou ao homem que não desejava elogiar, você não teve de suportar aos insultos no degrau de sua porta.

26. Quando se quebram as taças de vinho

Está dentro do seu poder descobrir a vontade da Natureza a partir dos assuntos sobre os quais não temos diferenças de opinião.

Por exemplo, quando o servo de um homem quebrou a sua taça de vinho, estamos todos prontos para dizer imediatamente: “Tais coisas podem acontecer”.

Saiba então que quando a sua própria taça de vinho é quebrada, você deve se comportar do mesmo modo que quando a do seu vizinho foi quebrada.

Aplique o mesmo princípio para assuntos superiores. O filho ou a esposa de uma outra pessoa está morto? Ninguém dentre nós deixaria de falar: “Tal é o destino do homem”; mas quando um dos nossos morre, imediatamente gritamos: “Ah! Como sou miserável!”.

Mas temos de nos recordar o que são os nossos sentimentos quando os ouvimos através de uma outra pessoa.

27. A bondade é um alvo

Assim como um alvo não é fixado para que nunca venha a ser atingido, da mesma maneira não existe nada intrinsecamente maligno no mundo.

28. A promiscuidade da mente

Se qualquer um entregasse o seu corpo ao primeiro que encontrar, você ficaria indignado, mas ainda assim você confia a sua mente ao primeiro

transeunte casual e permite com que ela fique perturbada e confusa, se ele vier a lhe agredir verbalmente; você não se envergonha disso?

29. A disciplina do filósofo

Em toda ação você deve levar em consideração aquilo que a antecede e o que se segue. Esta é a maneira pela qual você se aproxima das coisas com cautela, para só então empreender sua ação.

De outra forma você irá realizar sua ação com um grande entusiasmo inicial, porque você não refletiu sobre nenhuma das consequências, e depois, quando as dificuldades apareceram, você irá desistir, para sua vergonha.

Você deseja vencer nos Jogos Olímpicos? Eu também, pelos deuses, porque é uma coisa boa. Mas considere os primeiros passos que conduzem a isto, e as consequências, e depois, mãos à obra!

Você deve se submeter à disciplina, comer de acordo, não tocar em doces, treinar debaixo de rigores, numa hora fixa, no calor e no frio, não beber água muito gelada, nem vinho, a não ser quando receber a ordem de fazer isso; você deve se entregar completamente ao seu treinador assim como o faria com o seu médico e depois, quando chega a hora da competição, você deve se arriscar a se machucar e algumas vezes ter a sua mão deslocada, torcer o tornozelo, engolir um bocado de areia, algumas vezes ser fustigado, e junto com isso tudo, ser derrotado.

Quando você considerou tudo isto muito bem, então ingresse numa trajetória de atleta, se você ainda o desejar.

Se você atuar sem pensar, você estará se comportando como uma criança, aquela que um dia brinca de ser lutador, noutro dia de gladiador, agora toca a trombeta e logo em seguida se lança no meio da arena.

Como ela, você agora será um atleta e depois um gladiador, orador, depois filósofo, mas no fundo não será nada, frente a sua alma.

Como um macaco, você imita cada gesto que vê e uma coisa depois da outra atrai o seu capricho.

Quando você dá início a alguma coisa, você o faz casualmente e sem muita convicção, ao invés de considerá-la com seriedade, olhando para ela

por todos os lados.

Da mesma forma algumas pessoas, quando veem um filósofo e ouvem um homem falando como Sócrates – e realmente, quem consegue falar como ele? [6] –, desejam elas próprias serem filósofas.

Homem, considera primeiro o que é exatamente a ação que deseja iniciar; depois olhe para os seus próprios poderes e veja se é capaz de suportar a tarefa.

Você deseja competir no pentatlo ou nas lutas corpo-a-corpo? Olhe para os seus braços e coxas, veja o que se parece a sua cintura.

Pois que homens diversos nascem para tarefas diversas.

Você imagina que se fizer isso, você poderá viver como vivia até agora – comendo e bebendo como faz agora, se permitindo os prazeres e descontentamentos tal como antes?

Se você deseja *mesmo* ser um filósofo, você deve ficar sentado estudando até tarde, trabalhar duro, abandonar a sua própria gente, ser desrespeitado por um mero escravo, ser ridicularizado pelas pessoas que o encontram, obter o pior das coisas em tudo – na honra, no cargo, na justiça, em todas as coisas possíveis.

Isto é o que você tem de levar em conta, se estiver realmente disposto a pagar este preço para obter a paz da mente, a liberdade e a tranquilidade.

Se não, não se aproxime, não seja como as crianças, primeiro um filósofo, depois um coletor de impostos, depois um orador e logo após um dos procuradores de César.

Essas vocações não se harmonizam. Você deve ser um homem, bom ou mau; você deve ou desenvolver o seu Princípio Governante ou as suas características externas; você deve ou estudar o seu homem interno ou as coisas externas – numa sentença: você deve escolher a posição de um filósofo ou a de um mero espectador externo.

30. O gênio de cada um

Ações apropriadas são geralmente medidas pelas relações com as quais eles se preocupam.

“Ele é o seu pai”. Isto significa que se espera que você cuide dele, dê precedência a ele em todas as coisas, suporte o seu mau gênio quando ele o ofende ou ataca.

“Mas ele é um mau pai”.

Bem, você tem algum direito natural de exigir um bom pai? Não, somente de um pai.

“O meu irmão me causa problemas”.

Então tome o cuidado de manter a relação que você estabeleceu com ele e não considere o que ele faz, mas o que você deve fazer se o seu propósito é o de manter-se em harmonia com a natureza.

Porque ninguém irá lhe causar mal sem o seu consentimento; você somente será atingido quando vier a pensar que está sendo prejudicado.

Você somente irá descobrir o que é apropriado esperar do seu vizinho, cidadão, ou governante, se você criar o hábito de considerar as relações implícitas ao gênio e a personalidade de cada um deles.

31. Da religiosidade

Quanto à nossa religiosidade para com os deuses, saiba que a coisa mais importante é esta: ter as opiniões corretas sobre eles – que eles existem, e que eles governam o universo bem e justamente – e que você concorda em obedecê-los, e aceitar tudo o que ocorre na vida, considerando aos eventos com uma mente livre, na crença de que eles estão preenchidos pela mais elevada inteligência.

Porque assim você nunca irá culpar aos deuses, nem acusá-los de se esquecerem de você. Mas isto você não é capaz de alcançar, a menos que você aplique o seu conceito de bem e mal apenas naquelas coisas que se encontram sob o seu poder, e não naquelas que estão além do seu poder.

Porque se você vier a aplicar a sua noção de bem e mal às coisas externas, então, assim que você não conseguir obter aquilo que deseja, ou quando não

puder evitar aquilo de que deseja afastar-se, você certamente irá culpar e odiar aqueles que você considera responsáveis pela situação.

Cada criatura viva tem uma tendência natural para evitar e rejeitar aquilo que lhe parece nocivo, e tudo o que conduz a isto; e em perseguir e admirar aquilo que é útil, e tudo o que conduz a isto.

Portanto é inconcebível que alguém, imaginando sofrer algum dano, se alegre com o que lhe inflige este dano. Assim como é impossível que alguém se alegre com o próprio dano em si.

Este é o porque do pai ser vilipendiado pelo filho, quando ele não dá ao seu filho uma porção daquilo que o filho considera ser uma coisa boa; assim Polinices e Eteocles desenvolveram uma inimizade mútua ao pensar que o trono de um rei era uma coisa boa [7].

Este é o porquê do lavrador, do marinheiro, do mercador e todos aqueles que perdem esposa ou filho, acusam e amaldiçoam aos deuses. Porque a religião dos homens é mantida pelos seus interesses.

Portanto, aquele que toma por preocupação o direcionamento correto da sua vontade em obter ou em evitar, está consequentemente fazendo da sua religiosidade para com os deuses a sua mais importante preocupação.

Mas ainda convém ofertar o sacrifício de acordo com a ocasião, e comportar-se no templo conforme nossos ancestrais – com pureza e sinceridade, sem avareza nem extravagância.

32. Das profecias

Quando você se envolve com profecias, lembre-se que mesmo que não saiba do que está por vir, e se veio a aprendê-lo do profeta, ainda assim você sabe, antes mesmo de chegar à frente dele, que tipo de situação você tem pela frente – caso seja realmente um filósofo.

Isto porque se o que virá não está sob seu controle, isto não poderá nem ser nem bom nem mau.

Portanto, não traga consigo, frente ao profeta, a vontade de obter ou a vontade de evitar, e não se aproxime dele assustado, mas com a sua mente resoluta; tenha em mente que o futuro lhe é indiferente e não lhe afeta e que, seja qual for o resultado, estará dentro das suas possibilidades fazer um bom uso dele, e assim ninguém será capaz de distorcer isto.

Com confiança, então, aproxime-se dos deuses como conselheiros; e mais: quando o conselho lhe for dado, lembre-se de quem este conselho proveio e a quem você estaria desconsiderando caso venha a desobedecer ao que lhe foi aconselhado.

E consulte o oráculo, conforme Sócrates pensava que os homens deveriam fazer, somente quando a questão inteira se projeta em assuntos que nem a razão nem as artes do homem são capazes de intuir acerca do que está em seu futuro próximo.

Portanto, quando for o seu dever arriscar a sua vida frente ao amigo ou ao país, não pergunte ao oráculo se você deve arriscar ou não a vida. Porque se o profeta lhe avisar que o sacrifício é desfavorável, já que é claro que isto implica na morte, exílio ou dano a alguma parte do seu corpo, ainda assim a razão exige que mesmo este preço deve ser pago, que você esteja ao lado do seu amigo ou compartilhe dos riscos do seu país durante a guerra.

Portanto, preste atenção ao maior dos profetas, *Pythian Apollo* [8], que atirou fora do seu templo o homem que não ajudou ao seu amigo, quando este estava sendo morto.

33. Um filósofo na companhia de desconhecidos

Primeiramente, defina para si próprio uma marca definida ou um estilo de conduta que você mantenha quando está sozinho e também quando na companhia dos outros.

Esteja em silêncio na maior parte do tempo, ou, se tiver de falar, fale apenas aquilo que é necessário e em poucas palavras.

Fale, mas raramente, se a ocasião assim o exige, mas não fale de coisas ordinárias – de gladiadores, corridas de cavalo, ou atletas, ou de carnes ou bebidas – estes são tópicos que já surgem em todos os lugares; mas acima de tudo, não fale dos outros a volta, seja para criticar ou elogiar ou fazer comparações.

Se puder, conduza a conversação que ocorre na sua presença para algum assunto apropriado; e se você, por acaso se encontrar no meio de estranhos, permaneça em silêncio. Não ria muito, nem acerca de muitas coisas, nem sem algum tipo de moderação.

Recuse-se em fazer juramentos, sempre que possível, mas se não puder evitar, comprometa-se ao mínimo, na medida em que as circunstâncias o permitirem.

Recuse o banquete de estranhos e as festas vulgares. Mas se um dia surgir a necessidade de aceitá-los, então evite ao máximo cair em vulgaridade.

Saiba que, se o seu camarada for vulgar, aquele que se associa com ele necessariamente compartilha de sua vulgaridade, mesmo que de início esteja puro.

Para o seu corpo tome apenas aquilo que as suas necessidades básicas exijam, tais como comida, bebida, vestuário, casa, serviços [\[9\]](#), mas corte fora tudo o que conduza ao luxo e ao exibicionismo.

Evite a promiscuidade ao máximo das suas capacidades antes do casamento, mas se você se abandonar à paixão, permita que ela se expresse moderadamente.

Mas não seja agressivo ou crítico contra aqueles que se envolvem na promiscuidade, e não esteja sempre exibindo sua castidade como um troféu.

Se alguém lhe chama a atenção disso e fala mal de você, não se defenda contra o que ele lhe acusa, mas responda: “Ele não conhece as minhas outras faltas, ou então ele não teria mencionado apenas estas”.

Não é necessário na maioria das vezes ir até os jogos esportivos; mas se você em algum ocasião deve ir, mostre que a sua primeira preocupação é para com você mesmo; ou seja, deseje que apenas venha a acontecer aquilo que acontece, e que vença aquela que deve vencer, porque assim você não irá sofrer qualquer tipo de angústia.

Mas controle qualquer impulso para o aplauso exacerbado, o ridículo ou o entusiasmo prolongado. E quando você for embora, não fale muito sobre o que ocorreu ali, exceto naquilo que permite o seu aperfeiçoamento no controle de tais impulsos.

Porque falar muito sobre isto implica que o espetáculo excitou a sua imaginação [\[10\]](#).

Não vá comparecer a palestras com atitude superficial ou causal; mas se for, mantenha a sua seriedade e dignidade e não se torne um indivíduo ofensivo aos demais. Quando você vai encontrar-se com alguém, e

particularmente com alguém de eminência reconhecida, coloque frente à sua mente o pensamento: “O que é que Sócrates e Zenão teriam feito?” – e você não terá dificuldade em tirar o proveito apropriado da ocasião.

Quando você vai visitar algum homem de grande fama, prepare a sua mente ao considerar que talvez você não venha a encontrá-lo em casa ou, caso o encontre, que suas portas lhe sejam fechadas ou que ele não lhe dará nenhuma atenção.

E se, apesar de tudo, você ainda achar que deve ir até ele, vá e suporte o que vier a acontecer, e nunca se diga para si: “Não valeu a pena” – porque isso demonstra uma mente vulgar e uma pessoa em luta contra coisas externas.

Na sua conversação evite menções frequentes e exageradas das suas próprias atividades e aventuras; porque as outras pessoas não tem o mesmo prazer em ouvir as coisas que lhe aconteceram na mesma medida que você tem ao contá-las.

Evite causar o riso dos homens, este é um vício que rapidamente recai na vulgaridade e serve muito bem para diminuir o respeito que os seus vizinhos lhe devotam.

É também perigoso fazer uso de linguagem obscena. Quando algo desse tipo acontecer, chame a atenção do ofensor, se a ocasião o permitir; e se não, faça ficar claro para ele, pelo seu silêncio, ou mesmo com um franzir de testa, que você está incomodado com suas palavras.

34. Da conquista dos prazeres

Quando você imagina algum prazer, cuidado para que ele não o venha a arrastar consigo, como outras imaginações.

Espere um pouco, dê uma pausa à imaginação. Em seguida lembre-se de duas coisas: Quanto tempo você irá apreciar aquele prazer e também por quanto tempo, posteriormente, você irá se arrepender e se culpar. E então se

coloque do outro lado, considerando o outro prazer e a autossatisfação que você receberia ao saber se controlar.

E se vier à ocasião de realizar aquele prazer, tome providências para que você não seja dominado por sua sedutora doçura e atração; coloque no outro prato da balança o pensamento do quanto melhor é a consciência de tê-lo conquistado.

35. Não há vergonha na ação correta

Quando você faz uma coisa porque determinou que ela deve ser feita, nunca evite ser visto fazendo-a, mesmo se a opinião da multidão venha a condená-lo.

Porque se a sua ação for errada, então evite em realizá-la, mas se for correta, porque temer aqueles que o irão acusar injustamente?

36. Das porções moderadas

As frases “é dia” e “é noite” significam muito quando consideradas isoladamente, mas não tem o mesmo significado quando combinadas.

Da mesma maneira, escolher a porção maior num banquete poderá valer a pena para o seu corpo, mas se você deseja manter a decência social, é inútil.

Portanto, quando você estiver numa refeição com outros, lembre-se não somente em levar em consideração o valor daquilo que lhe é colocado à frente em relação ao seu corpo, mas também mantenha o seu auto respeito frente ao seu anfitrião.

37. O papel de cada um

Se você tenta atuar num papel que está além das suas capacidades, não somente você desgraça a si mesmo, mas também se esquece daquele papel que você poderia ter desempenhado com sucesso.

38. O Princípio Governante

Assim como ao caminhar você toma o cuidado de não pisar num prego ou num alfinete ou torcer o seu tornozelo, da mesma maneira cuide-se para não causar danos ao seu Princípio Governante [[11](#)].

E se guardarmos isso em tudo que fazemos, estaremos trabalhando com maior segurança.

39. Após os limites não existem mais limites

O corpo de cada homem é uma medida da sua propriedade, como o pé representa a medida do seu calçado.

Se você se prender a esse limite, você manterá uma medida correta; se for além dele, você poderá ser conduzido para um precipício no final.

Assim como no calçado: se ele for além da medida do seu pé, começa a ter adereços dourados, e depois púrpuras, e daí os bordados. Porque depois que você ultrapassou os limites, não mais existem limites.

40. Das senhoritas

As mulheres a partir dos catorze anos de idade são chamadas de “senhorita” pelos homens [[12](#)].

A partir disso, quando elas percebem que a única vantagem que elas possuem sobre eles é a de serem sedutoras, elas começam a ficar espertas e colocam todas as suas esperanças e projetos nisto.

Temos então, nós homens, de nos esforçar para fazê-las compreender que na realidade elas não são honradas por nenhuma outra coisa, que não o fato de viverem com disciplina e dignidade.

41. Da atenção ao pensamento

É sinal de uma mente obtusa se envolver excessivamente nos cuidados do corpo, prolongar o exercício, comer e beber sem moderação, atirar-se na

promiscuidade... Essas coisas são secundárias e transitórias; toda a sua atenção deve ser dada ao seu pensamento.

42. Dos acusadores

Quando alguém lhe critica ou lhe faz mal, lembre-se que ele o faz porque pensa que isto é apropriado para você.

Não é possível ao outro seguir aquilo que parece bom para você, mas apenas aquilo que parece bom para ele, de tal maneira que se a opinião dele estiver errada, é ele quem sofre, na medida em que ele foi vítima de um engano – não você.

Da mesma maneira, se um julgamento que é verdadeiro é considerado falso, não é o julgamento que sofre, mas o homem que se confundiu com ele.

Se você atua neste princípio, você será gentil para com aquele que o acusa, afirmando para si mesmo, em cada ocasião: “Ele pensava estar certo”.

43. Duas alças

Tudo tem duas alças: uma delas lhe permite levantar, a outra não.

Se o seu irmão lhe fez mal, não atue se apoiando nessa alça, a alça do mal que ele lhe causou, porque você não pode erguer o seu irmão por intermédio dessa alça, mas sim pela outra.

Considere o fato de que ele é o seu irmão, criado junto com você, e assim você será capaz de erguê-lo pela alça que você pode levantar.

44. Riqueza e eloquência

É ilógico raciocinar da seguinte maneira: “Eu sou mais rico do que você, portanto eu sou superior a você”; “Eu sou mais eloquente do que você, portanto sou superior a você”.

É mais lógico raciocinar: “Eu sou mais rico do que você, portanto a minha propriedade é superior que a sua”; “Eu sou mais eloquente do que você, portanto a minha oratória é superior à sua”.

Você é algo mais do que propriedade ou oratória.

45. Das impressões

Se um homem se banha rapidamente, não diga que ele se lava mal, mas que ele se banha rapidamente.

Se um homem bebe muito vinho, não diga que ele não sabe beber, mas que ele bebe demais.

Porque se você não tiver decidido que tipo de julgamentos conduzem tais homens, como você pode saber se eles agem de forma errada?

Se você fizer o que lhe estou dizendo, você irá apenas aceitar as suas impressões e a nada mais.

46. A lã e o leite

Em nenhuma ocasião se apresente como filósofo, não fale demais acerca dos seus princípios em meio à multidão, mas atue dentro dos seus princípios.

Por exemplo, num banquete, não diga como a pessoa deve comer, mas coma como compreende que deva ser.

Recorde-se que Sócrates se livrou tão inteiramente do exibicionismo que quando a ele chegaram homens e solicitaram uma apresentação a um filósofo, ele os conduziu para um outro filósofo.

E se uma discussão surge na multidão sobre algum princípio, mantenha o seu silêncio pela maior parte do tempo porque você sempre corre o risco de emitir descuidadamente algum pensamento ainda não inteiramente digerido.

E quando uma pessoa lhe diz: “Você não sabe nada”, e você não deixa que isto o provoque, então saiba que você está no caminho certo. Porque os carneiros não trazem grama aos seus pastores e lhes mostram o quanto eles comeram, mas eles digerem o seu pasto e então o apresentam na forma de lã e leite.

Faça a mesma coisa: ao invés de anunciar os seus princípios à multidão, mostre-lhe os resultados dos princípios que você digeriu. Seja um filósofo pelo exemplo.

47. Saber e calar

Caso tenha adotado uma vida simples, não se encha de orgulho por causa disso; e se você é um bebedor de água não diga em todas as ocasiões: “Eu sou um bebedor de água”.

Se você deseja trabalhar laboriosamente, mantenha isto para você e não se exhiba.

Se você está com muita sede, tome um bom gole de água fria, e lave a sua boca, mas não conte para ninguém.

48. Na espreita de si mesmo

O caráter e o posicionamento do homem ignorante é este: ele nunca olha para si mesmo em busca do benefício ou do dano, mas para o mundo externo.

O caráter e o posicionamento do filósofo é o de sempre olhar para si próprio, em busca do benefício ou do dano.

Os sinais de que ele está fazendo progressos são: ele não culpa a ninguém, não elogia a ninguém, não se queixa de nada, não acusa a Natureza, nunca fala de si próprio como se fosse alguém superior, ou como se realmente soubesse algo de elevado. Se qualquer um o cumprimenta, ele ri de si mesmo pelo cumprimento; e se alguém o acusa, ele não se perturba nem se preocupa com sua defesa.

Ele prossegue como quem se recupera de alguma doença, preocupado em não perturbar a sua constituição física no caminho da recuperação; e a sua vontade em evitar não está dirigida para aquilo que está situado fora do seu poder, mas somente naquilo que está dentro da sua capacidade evitar.

Em todas as coisas ele exerce a sua vontade sem imposição.

Se os homens o consideram tolo ou ignorante ele não lhes dá atenção.

Numa sentença: ele mantém vigilância sobre si mesmo como se fosse o seu próprio inimigo, na espreita de si mesmo.

49. Da interpretação dos livros

Quando um homem torna-se orgulhoso por ser capaz de compreender e interpretar aos livros de Crisipo [13], diga para si mesmo: “Se Crisipo não tivesse escrito de forma obscura esse homem não teria nada do que se orgulhar”.

Qual é o meu objeto? Compreender a Natureza e segui-la.

Eu busco então por alguém que se dedique a interpretá-la, e tendo ouvido falar que Crisipo assim o faz, fui até ele.

Mas eu não compreendo os seus escritos, e assim busco um intérprete deles.

Até agora, nada há de que se orgulhar. Mas quando eu encontrei o intérprete, ainda assim permanece o fato de que eu tenho de agir de acordo com os seus preceitos; é isso e apenas disso que podemos nos orgulhar.

Mas se eu me ativer ao mero poder expositivo, chegamos ao ponto de que eu me transformo num gramático ao invés de um filósofo; apenas neste caso eu interpreto Crisipo no lugar de Homero.

Portanto, quando alguém diz para mim “leia-me Crisipo”, acaso eu não possa apontar as ações que não estão em harmonia e correspondência com o seu ensinamento, então eu certamente me sentirei envergonhado.

50. Dos princípios para a vida

Sejam quais forem os princípios que você tomou para sua vida, considere-os como leis que, caso transgredidas, o condenariam a vergonha.

Mas não preste atenção naquilo que qualquer um fala de você, porque é algo que está fora do seu próprio controle.

51. A hora da luta chegou

Por quanto tempo você irá esperar até que chegue o momento em que passe a se considerar merecedor do que há de mais elevado, e do que não obstrui em nada ao claro pronunciamento da razão?

Você recebeu os preceitos que devia receber e você os aceitou. Por que então você ainda espera por um mestre? Para que você possa postergar a sua cura e atrasar ao seu aperfeiçoamento até que ele chegue?

Você não é mais um jovem, agora é um homem feito. Se agora você é descuidado e indolente e está sempre postergando, fixando seu avanço sempre para o dia de amanhã, então quando você finalmente decidir iniciar ao processo de cuidar de si mesmo, vivendo ou morrendo, não terá feito nenhum progresso, mas irá continuar inconsciente na própria ignorância.

Portanto, decida-se o quanto antes dentro de si mesmo, enquanto ainda há chances de viver como um filósofo.

E se você encontra pela frente algo problemático ou agradável, glorioso ou inglório, lembre-se que a hora da luta chegou, o Torneio Olímpico está aqui e você não pode mais postergar. Agora, basta um dia e uma ação para determinar se o progresso que você alcançou está perdido ou mantido. Este é o dia do grande teste, esteja preparado!

Eis o porquê de Sócrates ter alcançado a perfeição, não dando valor a nada que não a razão, em tudo que ele encontrava em seu caminho.

E se você ainda não é Sócrates, ainda assim deveria viver como alguém que deseja vir a ser Sócrates.

52. A teoria afastada da prática

O primeiro e mais necessário tópico da filosofia lida com a aplicação dos princípios; por exemplo: “Não mentir”.

O segundo lida com demonstrações, por exemplo: “Como é que uma pessoa não deve mentir?”.

O terceiro está preocupado com o estabelecimento e análise desses processos, por exemplo: “Como posso ter a certeza que isto é uma

demonstração? O que é uma demonstração? O que é consequência? O que é contradição? O que é verdade? O que é falso?”.

Se segue então que o terceiro setor é necessário devido ao segundo setor, e que o segundo se deve ao primeiro.

O primeiro é a parte mais necessária e naquilo onde devemos nos apoiar. Mas nós tendemos a reverter essa ordem: nos ocupamos do terceiro e nele colocamos a totalidade da nossa preocupação, enquanto que negligenciamos completamente ao primeiro.

É por isso que mentimos, mas estamos sempre prontos em demonstrar que mentir é errado.

53. Em todas as ocasiões...

Em todas as ocasiões, devemos conservar frescos na memória tais pensamentos:

“Conduze-me, Zeus, e tu também, Destino,
para o posto ao qual um dia fui designado,
que, diligente, eu vos seguirei – e se, mau me tornando,
não o quiser, ainda assim vos seguirei”
(Cleanto, discípulo direto de Zenão)

“Aquele que corretamente satisfaz suas necessidades
nas coisas divinas, nós o consideramos hábil e sábio”
(Eurípedes, fragmento 965)

“Bem, Críton, se isto é a vontade dos deuses, que assim seja”
(Platão, Críton, 43d)

“Ânito e Meleto tem poder de me conduzir à morte,
mas não o de me causar algum mal”
(Platão, Apologia de Sócrates, 30c)

Notas

[1] Este parece ser um conselho para alguém ainda no início de um longo caminho. Mesmo as coisas que seria belo desejar, como adquirir grande sabedoria, ou possuir uma casa com um belo jardim, por exemplo, ainda estão além do seu alcance atual (ou seja, do alcance espiritual, no primeiro caso, e do alcance material, no último). Isto não é motivo, entretanto, para que deixe de exercitar a filosofia (o agir e o não agir, a resignação ante o que está além de nosso poder, etc.). Tudo na Natureza se dá passo a passo. [\[voltar\]](#)

[2] Banhos públicos, próprios da sociedade romana da época de Epicteto (também conhecidos como “termas romanas”). Repare que o autor faz uma alegoria comparando o banho público ao próprio mundo em que vivemos. [\[voltar\]](#)

[3] *Diógenes de Sínope*, que viveu no século IV a.C., foi exilado de sua cidade natal e se mudou para Atenas, onde teria se tornado um discípulo de Antístenes, antigo pupilo de Sócrates. Tornou-se um mendigo que habitava as ruas de Atenas, fazendo da pobreza extrema uma virtude. Diz-se que teria vivido num grande barril, no lugar de uma casa, e perambulava pelas ruas carregando uma lamparina, durante o dia, alegando estar procurando por um homem honesto. Eventualmente se estabeleceu em Corinto, onde continuou a buscar o ideal da autossuficiência: uma vida que fosse natural e não dependesse das luxúrias da civilização. Por acreditar que a virtude era revelada na ação e não na teoria, sua vida se consistiu numa campanha incansável para desbancar as instituições e valores sociais do que ele via como uma sociedade corrupta. Sob certos aspectos, foi um precursor de Jesus de Nazaré ou mesmo de Francisco de Assis.

Heráclito de Éfeso, que viveu entre os séculos VI e V a.C., foi um filósofo pré-socrático considerado “o pai da dialética” (método de diálogo que visa a contraposição de ideias no intuito de se gerar novas ideias). Por seu desprendimento em relação ao poder e pelo desprezo que dedicava aos bens materiais, Heráclito não era simpático aos efésios, que eram exatamente o

seu oposto. Foi, aliás, muito criticado por seus concidadãos quando conseguiu convencer o tirano Melancoma a abdicar do poder para ir viver nos bosques, em livre contato com a natureza. [[voltar](#)]

[4] Este trecho pode ser mal interpretado. Repare que Epicteto se refere somente as coisas externas ao nosso controle: nascer pobre, ou aleijado, ou numa família nobre (o que, na época, lhe dava a chance de vir a ser um magistrado). Encenar o papel que nos foi conferido com todo o nosso talento significa, exatamente, não lamentar nossa sorte, mas nos dedicarmos somente ao que está sob nosso controle – ou seja, viver uma vida bem encenada. [[voltar](#)]

[5] “A lembrança de que um dia iremos morrer é a melhor maneira que já encontrei para evitar a ideia de que temos algo a perder. Você já está nu, não há nenhuma razão para temer seguir o seu coração”. (Steve Jobs) [[voltar](#)]

[6] Conforme nos conta Nicolas Grimaldi em *Sócrates, o feiticeiro* (Edições Loyola):

Sócrates era um feiticeiro. O testemunho é do próprio Platão. “Ouvindo-lhe”, diz-lhe Mênon, “parece que fui drogado. Tu me enfeitiçastes tão bem que não sei mais o que penso”. Essa magia constituía o charme de Sócrates. Ele encantava. O efeito de suas palavras era tão arrebatador quanto a música. Como se tratasse de um transe dionisíaco, era-se possuído. Alcibiades confessava não poder ouvi-lo sem ficar totalmente a sua mercê. Acusá-lo de feitiçaria era reconhecer-lhe o poder, do mesmo modo que aqueles que o admiravam. E, com efeito, designando-o em *As nuvens* como o mais célebre dos sofistas, Aristófanes não mostrava um Sócrates capaz de persuadir qualquer um sobre qualquer coisa? Ora, vangloriando-se de ser capaz de fazer qualquer pessoa perder o sentido da realidade, de fazê-la experimentar o falso como mais evidente que o verdadeiro e o real como mais inconsistente que o irreal, a sofística também era uma feitiçaria. Até mesmo os discípulos que viam em Sócrates o mais cáustico crítico dos sofistas não deixavam de reconhecê-lo, eles também, como uma espécie de feiticeiro, de mágico ou de xamã. Quando Sócrates tem apenas algumas horas a mais de vida, ou alguns

momentos, é menos o desaparecimento de seu amigo que Fédon lamenta que a perda do encantador: “Onde encontraremos um mágico tão perfeito depois que nos abandonares?” [\[voltar\]](#)

[7] Diz-nos o mito que Polinice e Eteocles, filhos de Édipo, concordaram em governar Tebas em turnos alternados de um ano. Mas Eteocles, após assumir o trono, não quis mais deixá-lo. Polinice, então, organizou um exército e atacou Tebas. Durante esta batalha, os irmãos acabaram por se matar um ao outro. [\[voltar\]](#)

[8] Apolo foi considerado o deus da luz e do sol, da verdade e da profecia, do tiro ao arco, da medicina e da cura, da música, da poesia e das demais artes. Como padroeiro de Delfos (*Pythian Apollo*), Apolo era um deus oracular, a divindade profética do Oráculo de Delfos. [\[voltar\]](#)

[9] Devemos recordar que na época de Epicteto a escravidão era algo perfeitamente aceito na sociedade, e não haviam homens instruídos – ou seja, aqueles que poderiam praticar a filosofia – que não tivessem servos. Alguns mais, outros menos. O que ele critica é a ostentação. E não esqueçamos, é claro, que o próprio Epicteto nasceu escravo. [\[voltar\]](#)

[10] Estaria Epicteto sendo demasiadamente puritano? Ora, talvez simplesmente não gostasse de esportes. Brincadeiras a parte, devemos também levar em consideração que os palcos esportivos daquela época eram muito diferentes dos de hoje. Havia nesses jogos antigos muito mais lutas corporais e demonstrações de aptidões militares (muitas ainda sobreviventes nos Jogos Olímpicos da era moderna) do que propriamente aquilo que estamos acostumados a ver atualmente nos estádios de futebol. [\[voltar\]](#)

[11] “Assim, parece haver uma quantidade assustadora de pessoas que não apenas têm urgência por ignorar seu Eu, mas que também parecem ter a urgência por obliterarem-se a si próprias. Isto é horrível, mas ao menos vocês podem entender o desejo de simplesmente desaparecer, com essa consciência, porque é muita responsabilidade realmente possuir tal coisa como uma alma, algo tão precioso. O que acontece se a quebra? O que

acontece se a perde? Não seria melhor anestesiá-la, acalmá-la, destruí-la, para não viver com a dor de lutar por ela e tentar mantê-la pura. Creio que é por isso que as pessoas mergulham no álcool, nas drogas, na televisão, em qualquer dos vícios que a cultura nos faz engolir, e pode ser vista como uma tentativa deliberada de destruir qualquer conexão entre nós e a responsabilidade de aceitar e possuir um Eu superior, e então ter que mantê-lo”. (Alan Moore) [[voltar](#)]

[12] O termo original em grego, *kúria* (em latim, *domina*) se assemelha mais a “senhora”. Mas no contexto histórico em que é usado, quer significar algo como “uma jovem que já está pronta para casar e assumir o comando de um lar”. Daí a opção pelo termo intermediário entre ambos os significados: “senhorita”.

Lembremos também que a maioridade (perante as leis) variou muito ao longo dos séculos, das sociedades e, sobretudo, das expectativas de vida. Ainda hoje há regiões africanas – de baixa expectativa de vida – onde as mulheres atingem a maioridade ainda mais cedo, aos doze anos. [[voltar](#)]

[13] Crisipo de Solis foi um dos grandes expoentes do estoicismo. Assumiu a direção da escola estoica em 232 a.C., com a morte de Cleanto. Sua atividade como coordenador logo o fez alcançar uma reputação comparável com a de Zenão de Cítio, fundador do estoicismo.

Crisipo foi o responsável pela sistematização e divulgação das doutrinas da escola. Alguns afirmam que escreveu mais de setecentos livros. Deste total, sobreviveram só alguns fragmentos. Seu sistema era uma espécie de panteísmo naturalizado: a liberdade praticamente desaparecia em um mundo onde predominava a lei da fatalidade. Defendia uma moral pura e elevada, com o *logos* a governar a vida. Para Crisipo, a felicidade residia na independência do filósofo ante os impulsos e as paixões desmedidas. [[voltar](#)]

Apêndice

DIATRIBES

Trechos selecionados dos Discursos de Epicteto

Ele falava de tal maneira que cada um de nós, que estávamos sentados perto dele, pensava que alguém lhe tinha revelado suas faltas, pela forma incisiva com que indicava o que acontecia e pelo modo como desmascarava as misérias de cada um.

III, 29 (referindo-se ao seu mestre, Musônio Rufo)

A começar por mim, assim que o dia clareia, recordo-me brevemente do assunto sobre o qual versará minha lição. Logo em seguida digo a mim mesmo: “Que bem pode me fazer antecipar como um ou outro explicará seu texto? A primeira coisa a fazer é dormir”.

I, 10, 8 (já ele próprio um mestre; e descrevendo, com certa ironia, como preparava as aulas para seus discípulos)

Esta atividade não é muito segura nos nossos dias, e sobretudo em Roma. É claro que aquele que a pratica não deverá fazê-la escondido, mas deve apresentar-se diante de algum rico personagem consular, se a sorte o permitir, e deve interrogá-lo assim:

“Tu podes me dizer a quem confiaste teus cavalos?”

“Sim.”

“Foi a qualquer um, a alguém que não entende nada de cavalos?”

“Certamente não.”

“E teu ouro, tua prata e tuas roupas?”

“Eu também não confiei a qualquer um.”

“E teu próprio corpo, já refletiste a quem confiarás o seu cuidado?”

“Com certeza.”

“É claro que é a um homem competente no domínio da cultura física e da medicina.”

“Absolutamente.”

“Isso é o que tu possuis de melhor, ou possuis outra coisa que seja superior a tudo?”

“O que queres dizer?”

“Quem, por Zeus, utiliza tudo isso examina tudo e delibera.”

“É da alma que queres falar?”

“Boa suposição, é dela que eu falo.”

“Por Zeus, isso é para mim meu bem mais precioso.”

“Tu podes então dizer de que maneira cuidas da tua alma? Com efeito, não é verossímil que um homem tão sábio e tão considerado na cidade como tu, deixa à aventura e ao acaso o que existe de melhor ser abandonado e se perder?”

“Certamente, não.”

“Mas e tu mesmo, tu te preocupas em ter cuidado? Aprendeste a cuidar [da alma] com alguém ou encontraste sozinho o meio?”

Permanece então o perigo de que ele responda:

“E o que isso pode te interessar, meu caro? Quem és tu para mim?”

Depois, se tu persistes na discussão, que ele levante o punho para te atingir. Em outros tempos, eu tinha muito gosto por este gênero de discussão, antes de encontrar esses inconvenientes.

II, 12, 17-25 (dando um alerta sobre os perigos das abordagens filosóficas)

Se pudéssemos, como é justo, nos impregnar dessa ideia de que somos todos saídos de Deus e que Deus é o pai dos homens e dos deuses, penso que não se poderia pensar de si mesmo nada de vil nem de degradante. Se César te adota, ninguém poderá suportar teu olhar, e se sabes que és filho de Deus, você será exaltado.

Contudo, não é nosso caso agora, mas pelo fato de que na nossa geração se misturaram dois elementos: o corpo, que temos em comum com os animais, e a razão e o pensamento, que temos em comum com os deuses, uns se inclinam para este infeliz e mortal parentesco, e outros, pouco numerosos, para o parentesco divino e bem-aventurado.

Já que cada um usa necessariamente cada coisa segundo a opinião que se faz dela esse pequeno número de homens que se sabem nascidos para a fidelidade, o respeito, a segurança no uso das representações, eles não pensam de si mesmos nada de degradante nem de vil, enquanto o contrário acontece com a maioria.

“Quem sou eu? Um miserável pequeno homem” e “infortunado naco de carne que eu sou”. Miseráveis efetivamente, mas tens algo superior aos pedaços de carne. Por que então abandona esse algo superior para unir-te a eles?

I, 3, 1-6 (acerca do nosso parentesco divino)

Este corpo de lama, como podia [Deus] fazê-lo livre de entraves? Ele o submeteu, portanto, à revolução do universo, assim como os meus bens, meus móveis, minha casa, meus filhos, minha esposa. Por que, então, lutar contra Deus?

Por que querer o que não é querido, procurar a todo custo possuir o que não foi dado? Mas como querer possuir? Como é dado e na medida em que é possível.

Mas aquele que havia dado toma de volta. Por que então resistir? Eu não digo que teria a estupidez de fazer violência a um mais forte do que eu, mas antes que eu cometeria uma injustiça. De onde me vinham essas coisas quando eu cheguei? Elas me foram dadas por meu pai. Quem as deu a ele? Quem fez o sol, quem fez os frutos, as estações, o entrelaçamento e a comunidade que liga os homens entre eles? Diz-me, quem?

Recebeste tudo de um Outro, inclusive tua própria pessoa, e te exaltas cumulando de reprovações aquele que lhe deu tudo se ele retira alguma coisa?

Quem és e por que vieste à terra? Não foi ele quem te fez vir? Não foi ele quem te mostrou a luz? Não te deu ele ajuda? E também os sentidos e a razão?

E de que modo te fez vir? Não foi como mortal? Não foi para viver sobre a terra como um pequeno pedaço de carne, para contemplar seu governo, para seguir seu cortejo e participar da sua festa durante um curto espaço de tempo?

Não queres, portanto, depois de ter contemplado a procissão e a cerimônia na medida em que te foi dado, ir-te, quando ele te conduz, depois de te prostrares e de render graças por aquilo que ouviste e viste?

“Não, eu gostaria de continuar participando da festa.”

E os iniciados ainda querem ser iniciados, talvez até mesmo os espectadores do Olimpo queiram ver outros atletas, mas a festa tem um fim.

Sai, retira-te agradecido e de maneira discreta. Deixa o lugar para os outros. É preciso também que outros nasçam, como também tu nasceste. É preciso que eles tenham lugar, casas e o necessário.

Se os primeiros não se retiram, o que sobra para os outros? Por que és insaciável, impossível de satisfazer? Por que embaraças o mundo?

“Sim, mas eu quero que meus filhinhos e minha esposa estejam comigo.”

“Eles te pertencem? Não são eles também de quem os deu a ti? Não pertencem eles a quem te fez? Não deves renunciar ao que não é teu? Não cederás àquele Outro que te é superior?”

“Por que, então, me pôs nestas condições?”

“Se isso não te serve, sai. Ele não tem necessidade de um espectador que reclama da sua sorte. Ele quer gente que participe da festa e das danças, para aplaudir mais forte, para receber a inspiração divina, para cantar os hinos da cerimônia.

Os miseráveis e os frouxos, ele os verá sem prazer deixar as celebrações: mesmo quando assistiam a elas, eles não se comportavam como em uma festa, eles não ocupavam seus lugares, mas se afligiam, pelejavam com a divindade, com a sorte, com seus companheiros, inconscientes do que a sorte lhes tinha dado e das forças que receberam para lutar contra a adversidade, da grandeza da alma, da nobreza, da coragem e da própria liberdade que estamos tentando encontrar.”

“Para qual finalidade eu recebi, portanto, essas faculdades?”

“Para usá-las.”

“Até quando?”

“Tanto tempo quanto quiser aquele que as emprestou.”

“E se elas me são necessárias?”

“Não te apegues a elas, e elas não te serão necessárias. Não digas a ti mesmo que elas te são necessárias, e elas não o serão.”

IV, 1, 98-110 (uma consideração final acerca da grande celebração da vida)

O CÃO FILÓSOFO

Um conto sobre Diógenes de Sínope, o Cínico

Diz à lenda que num belo dia ensolarado, em Atenas, um grande leão conquistador de territórios encontrou-se com um cão filósofo em seu barril...

“Heféstion, meu amigo, eu já venho cansado de conselhos militares. Se tenho alguma esperança de avançar e conquistar toda a Pérsia, preciso do auxílio dos filósofos, dos sábios, como foi com meu professor na infância...”

“Mas Alexandre, o que buscas com tanta generosidade? De que adianta sustentar Anaxarco, o músico, e ficar distribuindo ouro e talentos para Pirro, Xenócrates, e quaisquer outros que te cruzem o caminho e se digam filósofos?”

“Heféstion, eu tenho muito sangue nas mãos... A guerra se faz necessária, e eu fui educado por meu pai para ser o maior conquistador do mundo, mas isso não me traz nenhuma paz de espírito, nenhuma sabedoria... Às vezes, eu gostaria de ter sido uma outra pessoa...”

Nisso cruzaram com Onesícrito, então soldado de Alexandre, a caminhar em direção ao Craneu. O conquistador angustiado pareceu perceber um brilho no olhar daquele homem, e mandou que o parassem:

“Onesícrito, te darei uma armada para comandar se me disseres de onde vem essa felicidade em teu olhar!”

“Vem da sabedoria de um cão, meu senhor...”

“Um cão? Ora, mas como sabe da sabedoria de um cão, se ele não pode lhe falar nada sobre ela?”

“Este cão é um homem, meu senhor, e mora em um barril numa viela do Craneu. Ele é o homem mais pobre de Atenas, e por isso lhe chamaram de cão. Mas é, não obstante, o cão mais sábio de todo o mundo.”

Alexandre ficou curioso, e pediu que apenas parte de sua escolta o seguisse até onde se encontrava o filósofo cão, para que ele não se assustasse, e pudesse, quem sabe, lhe ensinar alguma coisa de útil para as guerras vindouras.

Chegando ao Craneu, viram um homem perambulando em torno de um barril velho cheio de feno, com meia dúzia de cães em torno, carregando uma lamparina acesa numa das mãos...

“Quem és tu, ó cão?” – Perguntou Alexandre.

“Me chamam Diógenes, e venho de Sínope, o resto é apenas um elogio.” – Respondeu, como se a sua frente estivesse um homem como qualquer outro de Atenas, e não Alexandre, o Grande.

“Para que a lamparina? Está cedo, há sol.” – Alexandre já havia simpatizado com o homem, mesmo sem compreender exatamente o motivo...

“Procuro por homens verdadeiros: autossuficientes, virtuosos, que não dependem de nada além de si mesmos para serem felizes.”

“E encontrou algum?”

“Até hoje, só meia dúzia de cães, mas nenhum homem.”

“Ora, mas dizem que você é um cão. Qual tipo de cão serias, Diógenes?”

“Quando tenho fome, um maltês, que não assusta nem uma donzela. Quando estou saciado, um cão caçador, daqueles que os homens jamais conseguirão acompanhar o ritmo nas caçadas, por que se cansarão primeiro. Por isso também moro só, neste barril... Apesar de ter muitos amigos, nenhum deles teria coragem de conviver comigo.”

“Pois, maltês ou caçador, é deveras um homem sábio, um cão filósofo! Eu fui educado por um de sua raça, de modo que reconheço sua ascendência entre os homens. Você é um digno cidadão de Atenas, ó cão!”

“Sou um cidadão do mundo. Apenas vivo em Atenas, mas em meu barril, em minha mente, eu penso sobre todo o mundo... Como poderia me limitar a uma só cidade?”

E, ao ouvir aquelas palavras, Alexandre sentiu-se como um reles escravo perante a um verdadeiro conquistador do mundo. Subitamente todas as cidades que havia conquistado tinham agora menos importância do que a sabedoria na voz daquele cão...

“És mesmo um sábio, Diógenes” – E interpondo-se entre o cão e sua escolta de soldados, prosseguiu – “Pede-me o que quiseres, e será teu.”

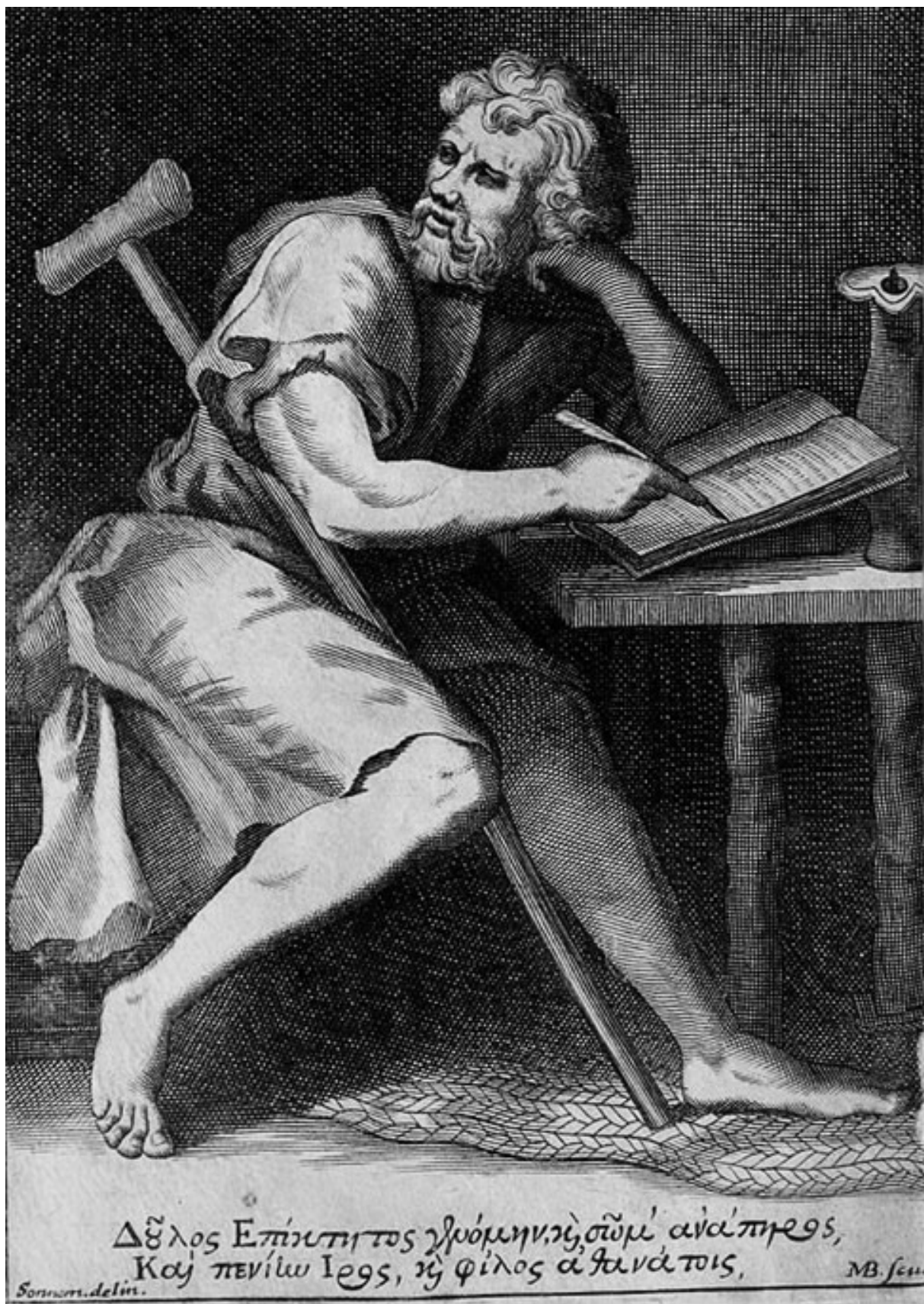
Diógenes então agachou-se, apagou sua lamparina e, sentando no feno de seu barril, retrucou:

“Não me faça sombra. Devolve o meu sol”.

Rafael Arrais, 2011

Alexandre espantou-se e ficou tão maravilhado pela vida e pela posição assumida por este homem, a ponto que, frequentemente, lembrando-se dele, dizia: “Se não fosse Alexandre, eu queria ser Diógenes”. O que significa: “Se eu não tivesse feito filosofia por meio das obras, em teria me dedicado aos raciocínios”. Alexandre não disse: “Se eu não fosse rico ou Argeades”; com efeito, não colocou a fortuna acima da sabedoria e a púrpura real e a coroa acima do bernal e do manto desgastado, mas disse: “Se não fosse Alexandre, eu seria Diógenes”; o que significa: “Se eu não me tivesse proposto reunir entre si os bárbaros e os gregos, percorrendo todos os continentes para levá-los à civilização, e de alcançar os confins extremos da terra e do mar reunindo a Macedônia com o Oceano para lançar as sementes da Grécia e difundir entre todos os povos justiça e paz, não estaria em ócio no luxo, mas imitaria a simplicidade de Diógenes”.

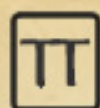
Plutarco, Sobre a fortuna ou Virtude de Alexandre



Δῖλος Ἐπίκτιτος γρόμην, ἢ σὺν ἀνὰ πρεσ,
Καὶ πενίῳ ἱερῶ, ἢ φίλος ἀθανάτοισ,

Sonnens. delin.

MB. scul.



Esta foi uma edição Textos para Reflexão

Muito obrigado por sua leitura.

Para mais obras de grandes autores pelo preço de um café, busque por **textos para reflexao** na mesma loja em que comprou este livro digital.



Algumas obras que já editamos com carinho...

Assim falou Zaratustra

Friedrich Nietzsche

O Pequeno Príncipe

Antoine de Saint-Exupéry

A Arte da Guerra

Sun Tzu

O Príncipe

Nicolau Maquiavel

Navegar é preciso

Fernando Pessoa

Bhagavad Gita

Anônimo

A Metamorfose

Franz Kafka

Rumi - A dança da alma

Rafael Arrais



Faça-nos uma visita em
facebook.com/textosparareflexao